

## INVESTIGAÇÃO DAS RELAÇÕES DE AUTORITARISMO E PODER NOS TEXTOS DE CAIO FERNANDO ABREU E JOÃO SIMÕES LOPES NETO

Simone Conti de Oliveira <sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho tem por objetivo analisar o preconceito - enquanto elemento presente na constituição e formação de sociedades patriarcais - a partir da leitura e interpretação de textos literários produzidos por autores gaúchos que abordam as relações de autoritarismo e poder existentes na sociedade sul-rio-grandense. Inicialmente, algumas considerações a respeito das relações entre literatura e sociedade são tecidas, seguidas pela discussão das relações de poder e preconceito presentes nas obras. A investigação se desenvolverá a partir dos contos *Terça-feira gorda*, de Caio Fernando Abreu e *O negro Bonifácio*, de João Simões Lopes Neto. É importante salientar que, apesar da distância histórica das obras e dos autores, ocorre uma aproximação temática quando se evidencia a presença de uma crítica aos preconceitos da sociedade na qual estão inseridas as personagens das obras. Para tanto, este trabalho fundamenta-se em autores como Theodor Adorno (2003), Walter Benjamin (1985), Antonio Candido (2000), entre outros.

**Palavras-chave:** Autoritarismo. Poder. Crítica literária

**Abstract:** This paper aims to analyze the prejudice, feature of patriarchal societies - while element in the constitution and formation of patriarchal societies - based on the reading and interpretation of literary texts produced by gauchos authors, which privilege the investigation of the relations of power and authoritarianism in Rio Grande do Sul's society. Initially, some considerations about the relations between literature and society are presented, followed by verification of power and prejudice in the literary works. The investigation will be developed through the authors Caio Fernando Abreu and the text *Terça-feira gorda*, and Lopes Neto, starting from the text *O negro Bonifácio*, which although historically distant are also close because allow the same patriarchalist and prejudiced approach of the society in which the characters belong. Thus, this paper is based on authors such as Theodor Adorno (2003), Walter Benjamin (1985), Antonio Candido (2000) among others.

**Keywords:** Authoritarianism. Power. Literary criticism

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul. E-mail: Simone\_honey@hotmail.com

## LITERATURA E SOCIEDADE

É incontestável a função social da leitura tanto no que tange à formação do sujeito como um leitor crítico, criativo e autônomo, bem como por ser a principal via de acesso à cultura. A ampliação do conhecimento que advém das experiências de leitura colabora para que o indivíduo tome consciência de seu papel enquanto “sujeito-histórico” (Bordini & Aguiar, 1993, p.10), além de oferecer alternativas para o deslocamento e construção de significados a partir do texto.

Por intermédio do trabalho criativo com a linguagem, o autor tira a palavra de seu emprego trivial, modifica seu sentido. Essa atitude transforma a visão de mundo arraigada no leitor, que passa a avaliar a realidade de outros modos, uma vez que ao ler se modifica, e a partir disso estabelece novos conceitos, ressignificações da realidade e ressimbolizações.

O ser humano, ao produzir literatura, deixa nas obras marcas da sociedade em que vive. Da mesma forma, o texto também influencia o homem que, ao entrar em contato com a literatura, é afetado por ela, gerando interação entre os dois. Essa troca pode trazer modificações para a sociedade. Conforme Magnani (1989, p.51): “De acordo com esse ponto de vista, a literatura é algo que exprime o Homem e depois atua na própria formação do Homem”.

Assim, existe a busca por entender como se estabelecem as relações entre literatura e sociedade, mediante a averiguação de

[...] como a realidade social se transforma em componente de uma estrutura literária, a ponto dela poder ser estudada em si mesma, e como só o conhecimento desta estrutura permite compreender a função que a obra exerce (CANDIDO, 2000, p. 11).

Nesse contexto, é grande a importância da abordagem da literatura por intermédio de seu papel social, no intuito de destacar sua relevância na interpretação da realidade, por meio do que é possível definir como *movimentos miméticos* de representação das mais diversas noções de *realidade* que convergem e divergem a todo o instante. Assim, a própria mimese é entendida como elemento intrínseco à cultura e possui papel social fundamental para essa busca por compreensão, visto que os “processos miméticos desempenham um papel central para o desenvolvimento do saber prático, que, entre outros saberes, é determinante para o agir social” (GEBAUER & WULF, 2004, p. 16).

A Literatura – que não subordina ou limita a noção de representação ou os processos miméticos, se caracterizando por ser um veículo no qual esses processos se constituem como sua estruturação - possui a capacidade de transformar, tendo por principal função atender o desejo de complementação da ausência do cotidiano, ou seja, a tristeza da arte (visão trágica) contrasta com a alegria da vida mundana; se, ao contrário, a vida ordinária se evidencia pelo sofrimento, a alegria deve estar presente em canções alegres, tal como analisou Friedrich Nietzsche (2007) no **nascimento da tragédia**.

O que ocorre é uma contribuição importante da literatura para a formação da personalidade individual e para os valores coletivos; ela é ainda uma forma de conhecimento

do mundo e do ser, já que é na ficção que encontramos as mais variadas faces do humano, seus medos, suas problematizações e reflexões mais importantes. Além disso, também é importante destacar que a literatura possui uma “função educativa”, que consiste no fato de impactar indiscriminadamente a própria vida, além de responder às necessidades humanas. As palavras de Walter Benjamin salientam que as relações do autor com sua produção devem levar à conclusão de que haja a imposição para o escritor de uma exigência, “que é a reflexão: refletir sobre sua posição no processo produtivo” (1985, p. 134), o que levará ao caráter prescritivo da obra e da conseqüente formação do próprio escritor e de seus leitores.

## RELAÇÕES DE PODER E PRECONCEITO

A linguagem literária é um elemento no qual o clima de tensão se faz presente de forma intensa – o que não deve ser atenuado no processo de leitura – e no qual se estruturam, desenvolvem, cristalizam e são questionadas as estruturas de poder.

Assim sendo, não é possível separar o uso da língua de questões como a ideologia e suas formas de construção de sentido com base em preconceito e exclusão. Como consequência, na arte literária, certas narrativas espelham as estruturas de poder vigentes na sociedade que assistiu ao seu nascimento. Considerando essa interpretação social da literatura, percebe-se o quanto a cultura está ligada ao social e é legitimadora do poder e do domínio de classes (REIS, 1992).

Por esse motivo, torna-se coerente o estudo de ideologias como, por exemplo, o Patriarcalismo - conjunto de regras estabelecidas por um homem branco e heterossexual - que provém do autoritarismo, pois segrega grupos excêntricos (negros, homossexuais e mulheres) por ameaçarem a ordem das leis.

Dessa forma, o anseio é refletir a respeito do preconceito característico nessa sociedade, estabelecendo conexão com a teoria de Foucault, segundo o qual o poder é percebido no todo social e não restrito a um centro; daí a caracterização de uma sociedade patriarcal. De acordo com Foucault:

Por dominação eu não entendo o fato de uma dominação global de um sobre os outros, ou de um grupo sobre outro, mas as múltiplas formas de dominação que se podem exercer na sociedade. Portanto, não o rei em sua posição central, mas os súditos em suas relações recíprocas: não a soberania em seu edifício único, mas as múltiplas sujeições que existem e funcionam no interior do corpo social (FOUCAULT, 1984, p. 181).

Assim, é preciso levar adiante as discussões sobre a exclusão de grupos sociais; afinal o patriarcalismo pode ser tomado como um sistema social onde ideologias dominantes ganham consistência e expressividade, uma vez que este conjunto de regras, aplicado em detrimento da liberdade individual, oculta hierarquias de poder, cujas estruturas contaminam toda a sociedade.

Ainda quanto ao pensamento de Foucault, neste há relação com a Teoria Crítica da

Escola de Frankfurt pela noção de sujeito pertencente a uma sociedade marcada pelas relações de poder com suas estruturas constitutivas e excludentes. Esta teoria, segundo Henry Giroux,

toma como um dos seus valores centrais um compromisso de penetrar o mundo das aparências objetivas para expor as relações sociais subjacentes que freqüentemente iludem. [...] Em termos mais específicos, a Escola de Frankfurt enfatizou a importância do pensamento crítico, argumentando que ele é uma característica construtiva da luta pela auto-emancipação e pela mudança social. Além disso, seus membros argumentaram que era nas contradições da sociedade que se poderia começar a desenvolver formas de investigação social que analisassem a distinção entre o que é e o que deve ser. [...] Em termos gerais, a Escola de Frankfurt forneceu uma série de valiosos “insights” para o estudo da relação entre teoria e sociedade. Ao fazê-lo, seus membros desenvolveram um quadro de referência dialético para se entender as mediações que ligam as instituições e atividades da vida diária com a lógica e as forças dominantes que moldam a totalidade social maior (GIROUX, 1986, p. 22-23).

A perplexidade diante dos regimes autoritários levou pensadores de Frankfurt a revisões dos modos de pensar em virtude das possibilidades de catástrofes a que a humanidade foi exposta. Por ser a história imanente à obra de arte, Theodor Adorno, em seu estudo da lírica, diz que somente é possível compreender o fenômeno estético

quando composições líricas não são abusivamente tomadas como objetos de demonstração de teses sociológicas, mas sim quando sua referência ao social revela nelas próprias algo de essencial, algo do fundamento de sua qualidade. A referência ao social não deve levar para fora da obra de arte, mas sim levar mais fundo para dentro dela (ADORNO, 2003, p. 66).

A arte é visceral, não é imposta e nos presenteia com algo abstrato, entretanto precioso: a reflexão. Nesse sentido, as narrativas literárias, fundacionais do ser humano, assim como a arte, são objetos estéticos, uma vez que mobilizam, criam identidade. Por intermédio delas, vivenciam-se sentimentos intensos da alma humana sem, na verdade, vivê-los. É um processo que se vincula a capacidade de colocar-se no lugar do outro, já que o leitor busca o entendimento do texto e, conseqüentemente, de si. Isso demonstra o que a literatura, a arte literária, é potencialmente capaz de operar no indivíduo.

Além disso, há os efeitos pós-cognitivos da arte – aquilo que aguça nosso olhar em relação ao comportamento do outro.

## LITERATURA COMPARADA E A INVESTIGAÇÃO DAS RELAÇÕES DE AUTORITARISMO E PODER

No que tange a investigação sobre os autores escolhidos e seus textos, é importante lançar mão do comparatismo como forma de privilegiar o diálogo entre textos literários e outras áreas da expressão humana.

A literatura comparada admite inúmeras definições, entretanto, pela recorrência com que foi encontrada em várias obras relativas à área, parece que a perspectiva utilizada por Henry Remak é das mais aceitas, por abarcar mais amplamente o assunto. De acordo com o autor, literatura comparada é:

O estudo da literatura além das fronteiras de um país em particular, e o estudo das relações entre literatura de um lado e outras áreas do conhecimento e crença, como as artes (pintura, escultura, arquitetura, música), a filosofia, a história, as ciências sociais (política, economia, sociologia), as ciências, as religiões, etc., de outro. Em suma, é a comparação de uma literatura com outra ou outras, e a comparação da literatura com outras esferas da expressão humana (CARVALHAL, 1998, p. 74).

Concernente ao trabalho com Caio Fernando Abreu, é interessante apontar para a repressão e o preconceito impostos aos homossexuais no conto *Terça-feira gorda*, que integra a obra *Morangos Mofados*, onde a violência é infligida às personagens por “muitos”, aos quais o narrador se refere e que representam todo um sistema opressor. A saber:

Mas vieram vindo, então, e eram muitos. Foge, gritei, estendendo o braço. Minha mão agarrou um espaço vazio. O pontapé nas costas fez com que me levantasse. Ele ficou no chão. Estavam todos em volta. Ai-ai, gritavam, olha as loucas. Olhando para baixo, vi os olhos dele muito abertos e sem nenhuma culpa entre as outras caras dos homens. A boca molhada afundando no meio duma massa escura, o brilho de um dente caído na areia (ABREU, 2005, p.59).

A violência acaba por enfatizar também a construção da narrativa. A este respeito, elucida Girard:

A violência não saciada procura e sempre acaba por encontrar uma vítima alternativa. A criatura que excitava sua fúria é repentinamente substituída por outra, que não possui característica alguma que atraia sobre si a ira do violento, a não ser o fato de ser vulnerável e de estar passando a seu alcance (GIRARD, 1998, p. 14).

As ações de *Terça-feira gorda* ocorrem durante um carnaval. De acordo com Araújo (2003), na Antiguidade, durante os Entrudos, todas as atividades e negócios eram suspensos e mesmo escravos ganhavam liberdade temporária. Desde então, o carnaval se modificou

em alguns aspectos, por exemplo, existem ambientes destinados à realização da festa, como os bailes de salão, nos quais não há (ou não deveria haver) reservas a respeito de quem deles participa. Entretanto, em *Terça-feira gorda* a manutenção da liberdade característica deste tipo ambiente é perceptivelmente transgredida, como se pode perceber em:

Nos empurravam em volta, tentei protegê-lo com meu corpo, mas ai-ai repetiam empurrando, olha as loucas, vamos embora, ele disse. [...]. Veados, a gente ainda ouviu [...] (ABREU, 2005, p. 58).

A ditadura militar, contexto do conto, se estendeu da deposição do presidente João Belchior Marques Goulart, conhecido popularmente como Jango, em 1964, à posse de Tancredo de Almeida Neves, eleito pelo Colégio Eleitoral, em 1985, caracterizou-se como um período violento, de tortura e censura, na medida em que reprimiu sua oposição, limitou bruscamente as liberdades de expressão e pensamento e restringiu direitos políticos. Embora toda a violência praticada na época tenha sido um meio utilizado pelas forças armadas brasileiras para extrair confissões dos presos políticos, por intermédio da brutalidade, através da barbárie financiada pelo Estado, os torturadores e instituições responsáveis pelos crimes cometidos durante a ditadura militar nunca foram punidos.

Neste texto, o autoritarismo manifestado por meio desse regime e verificado no contexto de composição da obra, está evidenciado em personagens sem identidade própria. A saber:

Tiramos as roupas um do outro, depois rolamos na areia. Não vou perguntar teu nome, nem tua idade, teu telefone, teu signo ou endereço, ele disse. [...] O que você mentir eu acredito, eu disse, que nem marcha antiga de Carnaval (ABREU, 2005, p. 58-59).

De acordo com Regina Zilberman (1992, p. 140), a estratégia da não nomeação de personagens exerce a função de caracterizá-los como “pessoas que estão esvaziadas de sua identidade”, daí a impossibilidade de nomeação recorrente também do contexto: “O esvaziamento decorre do modo de convivência imposto pela sociedade: tão competitivo, que corrói a personalidade dos indivíduos. Mesmo quando excêntricos, eles se tornam parte da massa informe”.

Já em João Simões Lopes Neto, é relevante perceber uma crítica ao preconceito de raça e gênero, a partir do conto *O negro Bonifácio*, que faz parte da obra *Contos Gauchescos*. No tocante à raça, existem vários momentos em que o preconceito se manifesta neste texto, que retrata a sociedade daquela época, caracterizada por costumes discriminatórios, principalmente em se tratando de um povo que, recentemente, vivia escravizado e que agora, conforme revela a figura de Bonifácio, se governava:

De chapéu de aba larga, botado no cocoruto da cabeça e preso num barbicacho de borlas morrudas, passado pelo nariz; no pescoço um lenço colorado, com o nó republicano; na cintura um tirador de couro de lontra debruado de tafetá azul e

mais cheio de cortados do que manchas tem um boi salino!

E na cintura atravessado com entono, um facão de três palmos, de conta.

Na pabulagem, andava sozinho: quando falava, era alto e grosso e sem olhar para ninguém.

Era um governo, o negro! (NETO, 1981, p. 14).

Ainda como exemplo de preconceito, da marca de uma sociedade racista, mesmo depois da abolição da escravatura, é possível citar a passagem em que Bonifácio é assassinado e logo em seguida seu corpo é abandonado, sem que ninguém dê importância àquele indivíduo:

Em roda, a gauchada mirava, de sobranceiras rugadas, porém quieta: ninguém apadrinhou o defunto (NETO, 1981, p. 18).

Outras questões suscitadas são a possibilidade de se perceber que o componente principal para o desenvolvimento da ação é o comportamento violento das personagens e se este é objeto de censura, sendo, pois, um dos valores primordiais que rege o mundo em que ocorre a ação, como é possível verificar em:

Que peleia mais linda!

Vinte ferros faiscaram; era o Nadico, eram os outros namorados da Tudinha e eram outros que tinham contas a ajustar com aquele tição atrevido.

Perto do negro Bonifácio, sentado sobre um barril, sem ter nada que ver no angu, estava um paisano tocando viola; o negro – pra fazer boca, o malvado! -, largou-lhe um revés, tão bem puxado, que atorou os dedos do coitado e o encordoamento e fundou o tampo do instrumento!...

Fechou o salseiro (NETO, 1981, p. 15-16).

No que se refere ao gênero, em se tratando da personagem Tudinha, também terá contribuído (além do ciúme e do ambiente violento a que esta é submetida) para a raiva da morocha o fato de considerar-se um objeto de posse de Bonifácio, o primeiro homem a “amanonciá-la”? Talvez essa seja uma leitura se for destacada a passagem em que ela desconta sua cólera, já que o negro a havia humilhado frente ao Nadico:

A Tudinha já não chorava, não; entre o Nadico, morto, e a velha Fermina, estrebuchando, a morocha mais linda que tenho visto, saltou em cima do Bonifácio, tirou-lhe da mão sem força o facão e vazou os olhos do negro, retalhou-lhe a

cara, de ponta e de corte... e por fim, espumando e rindo-se, desatinada – bonita sempre! –, ajoelhou-se ao lado do corpo e pegando o facão como quem finca uma estaca, bateu no negro sobre a bexiga, pra baixo um pouco – você compreende?... – e uma, duas, dez, vinte, cinquenta vezes cravou o ferro afiado [...] como quem quer reduzir a miangos uma prenda que foi querida e na hora é odiada!... (NETO, 1981, p. 17-18).

As buscas dos grupos marginalizados (ou melhor dizendo, postos em condição de marginalização) pela consideração de sua cultura e gozo dos direitos comuns, somados a experiência de estar à margem, são fatores que os caracterizam como movimentos. Segundo Andrea Semprini:

Uma segunda interpretação do multiculturalismo privilegia sua dimensão especificamente cultural. Ela concentra sua atenção sobre as reivindicações de grupos que não têm necessariamente uma base “objetivamente” étnica, política, ou nacional. Eles são mais movimentos sociais, estruturados em torno de um sistema de valores comuns, de um estilo de vida homogêneo, de um sentimento de identidade ou pertença coletivos, ou mesmo de uma experiência de marginalização. Com frequência é esse sentimento de exclusão que leva os indivíduos a se reconhecerem, ao contrário, como possuidores de valores comuns e a se perceberem como um grupo à parte (SEMPRINI, 1999, p. 44-45).

Essa crítica ao patriarcalismo, que conduz aos integrantes menos aceitos de uma sociedade à condição de marginalização, está presente nos textos escolhidos, especialmente pelo modo como as estruturas acabam por consolidar formas preconceituosas para relegarem o lugar de direito às pessoas e grupos. Pode-se dizer que as personagens das obras analisadas encontram-se num além, definido por Homi Bhabha (1998, p. 19) como o “trânsito em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão”, uma vez que encontram-se isoladas e segregadas por não se enquadrarem nos padrões de comportamento eleitos como normais na sociedade.

Considerando a perspectiva acima exposta, evidencia-se que “o discurso literário constitui, por sua vez, o contra-modelo formal do discurso autoritário, por fomentar, através da exploração polissêmica do signo, a noção identitária, além de romper qualquer relação cristalizada entre discurso e realidade externa” (SARLO, 1991, p. 33).

Cabe, ainda, destacar que as lacunas presentes nos textos analisados e a interpretação possível apresentada não necessariamente deixam de considerar o caráter opressor que a literatura também carrega consigo, isto é, não se pode perder de vista que existe arte do lado da barbárie e que o elemento ético depende também do contexto social, não sendo algo comum e entendido da mesma forma em todos os lugares e todos os tempos. O que se conclui, portanto, é a manutenção do preconceito, arraigado à sociedade patriarcal, em diferentes períodos da história do país e que a segregação social se mantém como uma constante sobre esses indivíduos marginais.



## REFERÊNCIAS

- ABREU, Caio Fernando. **Morangos Mofados**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 56-59.
- ADORNO, W. Theodor. Palestra sobre lírica e sociedade. In: \_\_\_\_\_. **Notas de Literatura I**. Tradução: Jorge Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2003.
- ARAÚJO, Hiram. **Carnaval: Seis Milênios de História**. Rio de Janeiro: Editora Gryphus, 2003.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Tradução de Mirian Ávila et al. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BENJAMIN, Walter. O autor como produtor. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política**. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura – a formação do leitor. Alternativas metodologias**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000; Publifolha, 2000. - (Grandes nomes do pensamento brasileiro).
- CARVALHAL, Tânia F. **Literatura Comparada**. 4. ed. revista e ampliada. São Paulo: Ática, 1998.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- GEBAUER, Günter; WULF, Christoph. **Mimese na cultura: agir social, rituais e jogos, produções estéticas**. Tradução: Eduardo Triandopolis. São Paulo: Annablume, 2004.
- GIRARD, René. **A violência e o sagrado**. Tradução de Martha Conceição Gambini. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- GIROUX, Henry. **Teoria crítica e resistência em educação: para além das teorias de reprodução**. Tradução de Ângela Maria B. Biaggio. Petrópolis: Vozes, 1986.
- MAGNANI, Maria do Rosário M. **Leitura, literatura e escola: a formação do gosto**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- NETO, João Simões Lopes. **Contos Gauchescos e Lendas do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1981, p. 12-18.
- NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo**. Tradução, notas e posfácio: J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

---

REIS, Roberto. Cânon. In: JOBIM, José Luís (org.) **Palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

SARLO, Beatriz. Literatura y autoritarismo. In: SARLO et al. **Autoritarismo**. Buenos Aires: Goethe, 1991.

SEMPRINI, Andrea. **Multiculturalismo**. Tradução de Laureano Pelegrin. Bauru: Edusc, 1999.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.